

PSICOGRAFADO POR
VERA LÚCIA
MARINZECK
DE CARVALHO

PELO ESPÍRITO
ANTÔNIO CARLOS

Dois irmãos gêmeos,
um amor impossível!

FILHO ADOTIVO

petit®
editora

Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 2684-6000

www.petit.com.br | petit@petit.com.br





A INVÁLIDA

Defrontei-me com um bem cuidado jardim, que circundava a frente de uma bela e confortável residência, situada num bairro nobre de uma grande cidade brasileira.

Flores singelas perfumavam a varanda em forma de U, que abrigava cadeiras confortáveis, demonstrando ser uma parte da casa admirada por seus moradores.

“Que bom que tenha vindo, Antônio Carlos! Alegro-me e agradeço sua presença. Estava à sua espera”, disse Antônia, vindo ao meu encontro.

Antônia me é muito querida. Participamos juntos, por muito tempo, de um trabalho devotado nas enfermarias de um hospital no plano espiritual, onde, de interna, passou a auxiliar com dedicação, compreendendo os enfermos e lembrando os próprios infortúnios de outrora.

Encontrava-se, no momento, em missão de caráter particular junto a seus entes queridos. Defrontando-se com um delicado problema, minha amiga pedira meus conselhos e auxílio.

“Sou muito grata aos nossos mentores, que permitiram sua presença aqui. Venha, Antônio Carlos, entremos”, falou Antônia, indicando-me o caminho.

Passamos à sala de estar: ambiente espaçoso e decorado com gosto. Ao lado de uma grande janela, dando vista para o jardim, estava sentada em uma cadeira de rodas uma senhora de agradável semblante. Muito magra, de cabelos encaracolados que caíam aos ombros, olhos verdes tristonhos e expressivos, olhava distraída para o jardim. Rugas profundas marcavam-lhe a testa, demonstrando preocupações.

Aproximamo-nos.

“É Ofélia, pessoa boníssima, a quem devo tanto...”, esclareceu-me Antônia.

Ofélia saiu do seu torpor suspirando, olhou pela sala para certificar-se de que estava realmente sozinha, retirou do bolso uma carta e segurou-a contra o peito. Lágrimas doloridas desceram-lhe pelas faces pálidas.

“Deve contar com quarenta anos de idade”, comentei, observando-a.

“Quarenta e um”, esclareceu Antônia. “Há onze anos está sem andar, nesta cadeira de rodas, após violento acidente.”

Ofélia não nos viu, não era médium, porém estava com sua intuição a florada pelos anos de meditação, pela oração sincera e diária e por sua resignação. Bastou Antônia mencionar o acidente para que ela o recordasse.

Acompanhamos suas lembranças:

Em uma tarde, saíra a passear com os filhinhos. Os pequenos inquietos tomavam-lhe toda a atenção de mãe extremosa e cuidadosa. Ia orgulhosa de sua família, pois para ela não havia rebentos mais lindos. Todos arrumados como se fossem a uma festa, chamavam a atenção dos passantes, principalmente a menina, que parecia uma boneca, em seu vestido de rendas e seu jeitinho dengoso. De repente, a caçula escapa-lhe das mãos, indo em direção da rua movimentada.

– Carla! – gritou apavorada –. Volte!

A menina pareceu nem ouvir e começou a atravessar a rua. Ofélia viu apavorada um carro vindo ao encontro dela, em alta velocidade. Correu atrás da filha e, naquele instante, só pensou em salvá-la, quando instintivamente saltou e empurrou-a para a calçada. O motorista tudo fez para evitar o acidente, mas não conseguiu parar a tempo, nem ela pôde evitar o choque com o veículo.

Ofélia sentiu o baque, ouviu o barulho e, com esforço, procurou a filha. Quando a viu de pé a seu lado, perdeu os sentidos.

Acordou dias após, em um hospital, porém as lembranças do acidente vieram aos poucos, pois só se preocupava com as crianças. Quis vê-las e, quando as viu bem, chorou emocionada. Ao ficar a sós orou agradecida, repetindo como sempre:

“Obrigada meu Deus, por ter salvado minha filha!”

Quarenta dias ficou em tratamento intensivo, dormindo muito e com o corpo quase todo gessado. Ao melhorar, transferiram-na para um quarto, onde sentiu-se mais forte e tranquila. Notou então que não sentia as pernas.

“Deve ser pelo gesso” – pensava.

Não querendo preocupar-se, só cuidava de ficar boa e regressar ao lar e, assim, não deu mais atenção ao fato, até que o gesso foi retirado. Aí, tentou mover as pernas, mas não conseguiu. Olhou aflita para o médico e recebeu a explicação.

– Dona Ofélia, a senhora não poderá caminhar, por algum tempo, pois foram muitas as fraturas...

– Fale a verdade! Devo saber... Estou inválida? Andarei novamente?

– Que podemos nós, simples médicos, afirmar? O futuro pertence a Deus, o progresso da Medicina é grande, todos os dias surgem novidades e...

Parou o bondoso clínico, procurando uma melhor explicação.

– Entendo doutor, não andarei mais.

– Por enquanto, não, dona Ofélia. Acharemos um modo de ajudá-la e, então, voltará a andar.

Chorou muito, pois nunca dera valor às pernas com que se locomovia, e nunca tinha pensado na importância delas.

“Não correrei mais com meus filhos! Não andarei mais!”
– repetia lastimando-se.

Depois da crise de choro, tornou-se apática e tristonha, evitando a todos e respondendo com monossílabos às indagações que lhe faziam. Ao receber alta, não quis voltar para o lar, preferindo ficar no hospital.

Paulo, seu esposo, não se conformou e insistiu:

– Ofélia, querida, não recuse retornar ao nosso lar, pois necessitamos muito de você!...

– Ninguém necessita de uma inválida!

– Não fale assim, necessitamos de você. Estamos unidos pelo amor, não só na alegria, mas também nas dificuldades. A luta é nossa e venceremos. Voltará a andar, tenho esperança e confio. Visitaremos os melhores médicos e ficará curada, será questão de tempo. Deve ter paciência, reaja, não fique assim, pois sofremos com você. Caso contrário, vamos sentir-nos rejeitados. As crianças já pensam que não gosta mais delas, que não são mais importantes para você. Medite, Ofélia, foi heroína, ao salvar nossa filha e agora se acovarda?! Teve coragem para enfrentar a morte e não tem para enfrentar a vida? Que seria de nós, Ofélia, se você tivesse morrido? Somos gratos a Deus, por nos ter deixado você. As crianças e

eu sentimos muito sua falta, e elas perguntam, a cada instante, quando voltará.

– Mas, Paulo, não será a mesma coisa. Não poderei correr, brincar, passear com elas.

– Graças a Deus, Ofélia, podemos ter babás, empregadas, substituindo você nos trabalhos físicos, porém, querida, ninguém poderá substituir seus carinhos e amor. Quem conversará com eles? Quem dará ordens na casa? Quem manterá a paz entre eles? Ou supervisionará para que sejam bem cuidados? Não sei fazer isso, não tenho tempo, enquanto você sempre o fez e deve continuar assim. Nossos filhos esperam-na ansiosos e já discutem planejando quem a ajudará primeiro. Sabem que voltará numa cadeira de rodas, mas que voltará. É de sua presença que necessitamos e não nos importa como. Queremos você conosco!

Paulo chorou comovido.

Ofélia entendeu, então, que não sofria sozinha.

O esposo tinha razão e seus filhos deveriam estar tristes, sentindo sua falta, pois nunca havia se separado deles antes. Se Deus a poupava, deixando-a porém inválida, deveria ter seus motivos. Não deveria ser egoísta. Por que fazer sofrer os entes que amava? Não poderia andar, mas amava-os como antes, ou mais ainda e, sendo assim, caberia a ela regressar ao lar e tranquilizá-los. O importante era a felicidade deles, pois a ela bastava tê-los e ser amada, ciente de que o carinho que receberia, lhe daria forças e esperança para continuar vivendo e voltar a andar.

- Paulo, prepare-me, voltarei com você, querido.
- Obrigado, Ofélia!

A enfermeira trouxe a cadeira, bonita, nova, comprada pelo esposo, para seu melhor conforto. Olhou-a e sentiu que a cadeira iria ser, dali para a frente, sua companheira por anos. Porém afastou a ideia e procurou alegrar-se.

As crianças ficaram tão contentes em vê-la em casa, cercando-a de mimos e carinhos, que se arrependeu de não ter voltado antes e de ter se amargurado tanto. Sentiu-se bem no lar.

Logo retomou a direção da casa e sua sogra pôde ir embora. A mãe de Paulo ficara com as crianças durante o tempo em que esteve no hospital. Ofélia agradeceu de coração dona Ivone, reorganizou os horários e os afazeres domésticos, planejando ficar e cuidar dos filhos do melhor modo possível.

Aprendeu a lidar com a cadeira de rodas e logo estava se locomovendo com facilidade pela casa toda. Esforçou-se e, aos poucos, foi conseguindo cuidar de si mesma.

Começaram, então, as visitas aos facultativos de renome. As explicações ouvidas eram sempre as mesmas. Estava viva por milagre, havia fraturado a coluna dorsal e não poderia andar mais.

Foi diminuindo a esperança de andar novamente e, aumentando a coragem, recusou-se a consultar novos especialistas.

– Paulo – pediu ela –, por favor, vamos parar com essas visitas a consultórios médicos à procura de milagres, pois

isso só nos está fazendo sofrer. Estou bem, conformei-me, aceite-me assim, por favor.

– Ofélia, amo-a. Só sua presença é felicidade para nós. Faremos sua vontade, mas ficarei atento e, se surgir algum tratamento...

– Aí, iremos experimentá-lo.

Resignou-se e aceitou sua provação como uma vontade do Alto, como algo que tinha de ser. Passou a querer bem sua cadeira, como uma companheira que a ajudava a locomover-se, que lhe substituía as pernas. Esforçou-se no começo para não se queixar, lutou contra a autopiedade, passou a se dedicar com todo carinho aos problemas dos seus, facilitando e alegrando a vida deles.

Faleceram os sogros e a família ficou sendo somente os cinco. As crianças acostumaram-se com ela na cadeira de rodas, achavam isso normal e, assim, os anos foram passando sem novidades.

Ofélia despertou de suas lembranças com um suspiro, limpando as lágrimas. Olhou para o jardim, seu recanto preferido. Não estava com vontade de ir à varanda, onde passava sempre horas, a ler, bordar e admirar suas flores.

Aproximei-me dela e vi suas pernas fracas, definhando.

“Deve sentir muitas dores”, comentei.

“Sente sim”, esclareceu Antônia, “mas não se queixa, não reclama e até evita comentários sobre isso. É o anjo deste lar.”

Ofélia olhou para a carta que tinha nas mãos, abriu-a e a releu. Era de suas irmãs Rosa e Zélia. Contavam de maneira simples suas dificuldades, em Recife, após a morte de Odair, esposo de Zélia, ocorrida há mais de seis meses. Estavam sem meios de sobrevivência, com dificuldades em conseguir emprego e mal se sustentavam com a minguada pensão que Zélia recebia. Parecia, diziam elas, que tudo estava dando errado, pois nem seus artesanatos conseguiam vender. Não tinham meios de continuar pagando o aluguel do apartamento, já em atraso.

Parou de ler e a imagem das irmãs veio-lhe à mente. Zélia, a mais velha, parecia-se fisicamente com ela, e Rosa, a caçula, era delicada, meiga e mais clara. Faziam belíssimas peças de artesanato, eram verdadeiras artistas. Sabia que Zélia não estava bem de saúde e que tinha piorado com a morte do esposo, que muito amara.

– Tenho saudades de vocês, minhas irmãs, há tanto tempo que não as vejo – balbuciou Ofélia.

Voltou à leitura.

Sem outros parentes, sem recursos, apelavam a ela para ajudá-las. Queriam retornar à cidade natal, de que tinham saudades. Depois, frisavam, a família delas eram Ofélia e os filhos.

– É verdade – exclamou baixinho, interrompendo novamente a leitura.

Eram em três irmãs. Zélia há anos mudara para Recife, quando se casou com Odair, mas não teve filhos. Rosa estava solteira e morava com Zélia, há tempos.

Voltou a ler.

Estavam saudosas dos sobrinhos que tão pouco conheciam, mas que muito amavam. Pediam para aceitá-las por uns tempos, até que arrumassem onde ficar e trabalho para se sustentarem. “Com você”, diziam, “procuraremos ajudá-la a cuidar da casa e lhe faremos companhia.” Mandavam beijos e abraços, finalizando que aguardavam ansiosas pela resposta.

Ofélia suspirou, segurou firme a carta e pensou:

“Com nossos pais mortos há tantos anos, somos só nós três. Tanto tempo sem nos vermos! Posso ajudá-las, pois financeiramente estamos bem, Paulo progride nos negócios e espaço nesta casa não falta. O que elas me pedem é tão simples e, ao mesmo tempo, tão complicado. Não posso deixar de ajudá-las, não lhes faltará dinheiro, mas morar aqui, em minha casa, como é possível? O passado estaria, realmente, morto para nós? Meu Jesus, oriente-me. Que faço? Ajude-me a fazer o certo.”

Orou suplicante e sua voz fez eco em nossos corações.

– Mãe! Mamãe, onde está a senhora? – gritou da varanda um jovem agradável e alegre, rompendo o silêncio que reinava até então.

Ofélia guardou rápido a carta no bolso, ajeitou-se e tentou sorrir, pensando: “É melhor que ninguém a leia ainda, devo primeiro pensar e encontrar um meio de ajudá-las, sem criar-me problemas.”

Respondeu com voz carinhosa:

– Estou aqui, Caio.

O jovem, alto e esbelto, na euforia dos seus vinte anos, entrou na sala correndo, indo ao encontro da mãe.

– Mãezinha, estou com uma fome! Papai já veio? – beijou-a na testa, presenteando-a com um belo sorriso.

– Ainda não, mas não deve tardar.

– Parece abatida! Que tem? Sente algo? Foi ao médico? Precisa de alguma coisa?

– Quantas perguntas – respondeu sorrindo. – Não tenho nada, não se preocupe, sinto-me bem. Só não tive vontade de ir à varanda.

– Ainda bem!

Sentou-se no sofá e pôs-se a examinar um caderno. Voltava da Faculdade, onde cursava o terceiro ano de Administração de Empresas.

Antônia emocionou-se, aproximou-se de Ofélia com muito carinho e lhe disse de mansinho, numa comunhão espiritual amorosa, que ela, encarnada, não escutou com os ouvidos físicos, mas com a alma:

“Amiga, ser mãe é mais que dar a vida física. A verdadeira mãe é aquela que acompanha todos os passos de seu filho. Ama seus filhos sem diferença. Agradeço-lhe. Deus lhe pague! Amo Caio, mas ele é seu!”

Ofélia olhou para Caio com muito amor, captando as vibrações carinhosas da amiga espiritual, mas sentiu ciúme do filho, ciúme de mãe, e pensou: “Caio é tão lindo! Não parece com Paulo, pois suas feições são diferentes. Do Paulo tem a voz... são parecidas. É tão bom este meu filho, com-

panheiro alegre, irmão dedicado e é querido por todos. Os empregados o respeitam e estimam, tanto os de casa como os do escritório. É sempre atencioso e educado com todos. Preocupa-se tanto comigo, dá-me tanta atenção e carinho, muito mais que os outros dois. Quero todos como mãe, da mesma forma, mas Caio amo diferente, talvez por ser adotivo. Será que, se soubesse, teria o mesmo amor? Por Deus! Não quero nem pensar em perdê-lo! É meu, é nosso! Nós o criamos, cuidamos sempre dele com tanto amor. Ele não deve saber nunca! Lutarei por ele, é meu! Afastarei quem tentar roubá-lo de mim. Pessoa alguma e por nenhum motivo tem o direito de querê-lo agora... Que pensamentos tolos estou tendo, não devo pensar nisso. Caio é meu! Só meu!”

Caio levantou-se, retribuiu o olhar carinhoso da mãezinha e rumou para outra parte da casa, levando seus objetos escolares.

Logo entrou na sala, toda alvoroçada, uma encantadora jovem de quinze anos, sorridente e feliz. Magra, miúda, rosto redondo, com pequenas sardas enfeitando o nariz arrebitado, cabelos curtos, muito bonita. Vestia uniforme, com estampa de um colégio afamado. Chegava da escola.

– Mamãe, está bem?

Sem esperar resposta, jogou seus cadernos no sofá e rodou pela sala, ensaiando uns passos de dança em voga. Voltando-se para a mãe, pediu:

– Mãe, sábado a Cidinha dará uma festa, posso ir? Posso comprar aquele vestido azul de que lhe falei ontem? É tão lindo! Por favor...

– Se o Caio ou o Sérgio puderem levá-la, tudo certo!

– Farei meus manos levarem-me, ou mesmo papai. Não quero perder a festa, pois a turma toda vai estar lá, e quero ir bem bonita.

Ofélia sorriu e Carla saiu da sala cantando, feliz.

“Carla também é bonita”, pensou, “parece tanto com Paulo. É tão bom vê-la alegre, a dançar, a pular pela casa. Agradeço a Deus por ser eu a estar nesta cadeira. Como seria triste, mais sofrido para mim, se não tivesse conseguido salvá-la das rodas daquele automóvel. Não posso reclamar, porque já vivi muito, mas Carla era uma criança, e agora é jovem, sadia. Seria bem pior para mim, vê-la nesta cadeira.”

Ouvimos uma conversa animada na sala. Ofélia virou a cadeira para a porta, a esperar que entrassem Paulo e Sérgio. Eles a cumprimentaram e continuaram conversando sobre o curso de Química Industrial que Sérgio estudava. Paulo era forte, de aspecto agradável, claro, quase loiro, com sardas espalhadas pelo rosto e estava sempre de bom humor. Orgulhava-se dos filhos e gostava de conversar com eles, sobre seus estudos. Planejava deixá-los em seu lugar, nos negócios.

– Ofélia – disse Paulo –, busquei Serginho hoje na escola. Bom colégio, muito bonito. Gosto de vê-los estudando, porque Caio deverá assumir os escritórios, e Sérgio, as fábricas. Que dupla! Que filhos!

Sérgio sorriu, contente, pois adorava o pai. Era muito bonito e estava sempre alegre e feliz, entusiasmado-se por tudo. Dificilmente parava quieto. Era mais baixo que o irmão

e, do mesmo modo que Carla, tinha sardas pelo rosto, mas era fisicamente parecido com a mãe.

– Que fome! – exclamou.

Correu a empurrar a cadeira da mãe e passaram à sala de refeições. Antônia e eu ficamos, e minha amiga esclareceu-me:

“São estes os membros da família, com seus problemas corriqueiros, e vivem em paz e harmonia. Mesmo Ofélia, se sofre fisicamente, espiritualmente está bem, embora esteja indecisa no momento. Por isso, Antônio Carlos, acho que você deve estar querendo saber o porquê de eu ter pedido seu auxílio, para ajudá-los. Existe, sim, um problema, porém eles ainda não sabem qual é.”

Minha amiga suspirou triste e continuou:

“Sou... fui, mãe e má, porque abandonei meu filho recém-nascido, sem sequer vê-lo, e Ofélia o criou. Sim, Caio é meu filho, que imprudentemente tive. Graças a Deus, não fiz falta a ele, pois é tão amado, tão querido, e agora já é homem, tem responsabilidade e até pensa em se casar. Namora firme Cidinha, a jovem mencionada por Carla, em cuja casa haverá a festa. As famílias são amigas e Paulo se dá muito bem com Marcelo, pai de Cidinha. O namoro agrada a todos e eles torcem para que os jovens se casem. Porém, Antônio Carlos, não tive só esse filho, não foi só Caio que abandonei. Tive também uma menina, que também não conheci, porque desencarnei, quando ela nasceu. Faz algum tempo que descobri o paradeiro de meus filhos

e, desde essa época, visito-os, embora raramente, sentindo muita alegria em vê-los bem e amados. Mas recentemente, ao revê-los, descobri que se namoram. Minha filha é Cidinha, a namorada de Caio. Como deixar que se unam? Como separá-los? Só eu sei deste fato, deste segredo. Martirizo-me. Não sei como ajudá-los. Não quero que sofram. Ajude-me! Ajude-nos, Antônio Carlos!”